



Maria dos Anjos Lopes
Soito da Ruiva

Ficha Técnica

Editor

Trenmo Engenharia, Lda

Fotografia da Capa

Olívia Silva

Museu da Pessoa

Responsável Editorial

Jorge Gustavo Rocha

Entrevista

Filipa Rodrigues

Anabela Lima

Transcrição

Hugo Pereira

Edição da História de Vida

Hugo Pereira

Revisão

Filipa Rodrigues

Liliana Monteiro

Design

Ana Lopes

ISBN

978-989-8172-05-1

Prefácio

Soito da Ruiva encantou-me desde a primeira vez que a visitei! O motivo da minha atracção não foi desde logo evidente para mim, mas fui descobrindo nas visitas seguintes: lugar e identidade andam lado a lado neste espaço carregado de símbolos, memórias e significações.

Penso que não se poderá falar desta aldeia e das suas gentes, sem se falar do espaço físico que habitam. Soito da Ruiva é uma aldeia completamente pedonal, onde o automóvel é obrigado a permanecer na entrada da aldeia. O espaço público é um espaço na escala humana, criando proximidade e facilitando o convívio. E esta “humanidade” do lugar tem reflexo na identidade da sua população, generosa e alegre, abrindo os seus lares, tal como a aldeia se abre à confraternização.

Surge assim este projecto, cujo objectivo é ajudar a valorizar a aldeia divulgando o valor das suas gentes! No entanto, não se pretende descrever as características gerais desta população, mas sim focar as experiências de cada um dos seus habitantes, a sua relação no espaço da aldeia, retratando o funcionamento desta comunidade!

Álvaro Costa

Maria dos Anjos Lopes

Maria dos Anjos Lopes, nasceu em Soito da Ruiva a 12 de Junho de 1939. A sua mãe chamava-se Maria Urbana e o seu pai Manuel Bento Lopes. Teve um irmão chamado Ernesto Bento, já falecido, e uma irmã, Libânia de Jesus. Quando era criança brincava com bonecas de farrapos. Recorda-se também de brincar com a sua irmã Libânia. Nunca foi à escola e hoje entristece-se por não saber ler. Conhecia o seu marido, José Francisco Mendes, desde pequena. O namoro nem chegou a um ano, casando-se em Setembro de 1960, com 22 anos. Tem dois filhos e uma enteada. Lembra-se de como era difícil viver na aldeia e das dificuldades por que passou entre os trabalhos do campo, a lida da casa e a pouca comida. Conta como fazia pão, como apanhava as azeitonas para fazer azeite, como fazia o vinho, como tratava das abelhas. Agora, sente que a aldeia já não é a mesma e recorda com saudade os tempos de outrora.

Conteúdo

| | |
|---|----|
| Identificação <i>Maria dos Anjos Lopes</i> | 4 |
| Ascendência <i>Maria Urbana e Manuel Bento Lopes</i> | 4 |
| Infância “ <i>Com bonecas de farrapos</i> ” | 5 |
| “ <i>Não era fácil</i> ” | 8 |
| Educação “ <i>É uma tristeza para mim não saber ler</i> ” | 8 |
| Namoro “ <i>Conhecia-o desde pequenina</i> ” | 9 |
| Casamento “ <i>Casei-me com 22 anos</i> ” | 12 |
| Descendência “ <i>Os meus filhos são bons para mim</i> ” | 15 |
| Quotidiano “ <i>Descalças por aqueles matos fora</i> ” . | 15 |
| Costumes | 23 |
| “ <i>Há além muito moinho na barroca</i> ” | 23 |
| “ <i>Uma festa para quem podia</i> ” | 24 |
| “ <i>Azeite para todo o ano</i> ” | 24 |
| “ <i>Éramos nós, as mulheres, que fazíamos o vinho</i> ” | 25 |
| “ <i>Levam o pólen nas patitas</i> ” | 26 |
| <i>Fatias de pão, coscoréis, tigeladas, torresmos...</i> | 28 |
| “ <i>Sempre tratámos da nossa saúde</i> ” | 28 |
| “ <i>Passou-lhe mais depressa</i> ” | 30 |
| “ <i>Casavam-se dentro da família</i> ” | 30 |
| “ <i>Uma roda grande de gente</i> ” | 31 |
| Migração “ <i>Aqui não se ganhava nada</i> ” | 31 |
| História <i>A guerra colonial</i> | 32 |
| Religião “ <i>A gente sempre respeitou os dias santos</i> ” | 32 |
| Pessoas “ <i>O tio Fontinha e a Irene</i> ” | 33 |
| Lugar “ <i>Não parece o mesmo</i> ” | 34 |



Fotografia 1: Maria dos Anjos Lopes.

Identificação *Maria dos Anjos Lopes*

O meu nome completo é Maria dos Anjos Lopes. Vivo em Soito da Ruiva. O meu nascimento foi a 12 de Junho de 1939. Tenho 69 anos.

Ascendência *Maria Urbana e Manuel Bento Lopes*

O nome da minha mãe era Maria Urbana. E o meu pai era Manuel Bento Lopes. A minha mãe trabalhava na agricultura. O meu pai estava empregado em Lisboa, na Piedade, na cortiça. Ele esteve lá muitos anos. Passavam-se anos sem cá vir. Nem nos escrevia, nem mandava nada para a gente se alimentar. A minha mãe passou muitas dificuldades e nós também.



Fotografia 2: Família de Maria dos Anjos Lopes.

Eu tinha dois irmãos. Um irmão mais velho, o Ernesto Bento, que já morreu, nem sei se há três anos. Depois, tinha a Libânia e eu. A diferença de idades de mim para a minha irmã ainda passa dos dois anos. Em Junho faço 69 e ela fez 71 no primeiro de Março. Ela nasceu no último de Fevereiro e o mês de Fevereiro nunca é certo. Quem lhe fez o registo errou! Havia de pôr no primeiro de Março ou um dia antes, mas pôs no último de Fevereiro. Por isso, digo que este ano fez anos no primeiro de Março. Os anos vão-se passando, mas é só de quatro em quatro que ela faz anos.

Infância “*Com bonecas de farrapos*”

Quando era pequenina, brincava sozinha com bonecas de farrapos, que não havia dinheiro para comprar outras. Era a minha mãe que as fazia. Uma tia minha também ajudava a fazer as bonecas quando ia guardar o gado. Punha o aventalito de uma cor, a saia da outra e a blusa de outra.

Também brincava com a minha irmã. Brincávamos as duas, porque o meu irmão estava com o meu avô e nós morávamos no cimo da aldeia. A dona Deolinda vive numa casa mais acima e nós vivíamos na casa abaixo, que ardeu. A gente como estava longe das outras pes-



Fotografia 3: Ernesto Bento, irmão de Maria dos Anjos Lopes.



Fotografia 4: Maria da Piedade e Maria dos Anjos Lopes.

soas, nem vinha para o largo ao pé da escola com as pessoas da nossa idade brincar. A minha mãe não deixava a gente ir para baixo. Lá ficávamos a brincar. Mesmo quando era no tempo das brincadeiras, assim de danças, a gente nunca ia, mas via lá em cima. Não estávamos habituados a conviver assim.

No meu tempo, a minha mãe comprava barras de sabão e partia-as em seis bocaditos. Agora já não é assim. Era sabão azul e branco. E depois a minha mãe, que Deus tem, punha um bocadito aqui, outro ali, outro ali. Fazia seis bocados de uma barra para chegar para meio ano. Punha-o partido para se fazer rijo para não se gastar tanto ao lavar a roupa. Era costume lavar-se o aventalito ao sábado para o pôr no domingo para andar com a roupa lavada nesse dia.

Antes não havia luz! Quando me criei, a minha mãe dizia:

- "Vamos comer enquanto é de dia, para se não gastar o petróleo!"

E quantas vezes tínhamos muita lenha de pinho e íamos buscar sacas de pinhas? Punham-se as pinhas no lume e comia-se à luz daquilo para poupar no petróleo. Que não havia dinheiro para o comprar. Não era muito caro, agora é pior. Só que não o havia.

“Não era fácil”

Uma vez, as galinhas andavam a pôr ovos e disse:

- Ó mãe, hoje vou fritar um ovo para o lanche.

A gente não dizia lanche dizia merenda. E ela dizia assim:

- "O deste mês é para o petróleo. O do outro mês é para o sabão. O do outro mês é para as linhas e o do outro mês é para os fósforos."

Palitos para acender. Não era fácil. Quando criei os meus filhos já foi melhor, do que quando eu me criei. O meu marido andava em Lisboa, ganhava e guardava o dinheiro para quando vinha ou então mandava-o. Mas quando me criei...

Os meus pais tinham animais para tratar. Tinham que tratar dos animais durante o dia, mais que uma vez ao dia. Quem tinha cabras e ovelhas, tinha que tratar delas todo o dia. Ir ao mato. Tinha que se ir à lenha, à erva para os animais. E se estava mau tempo e não se podia sair, estava-se na cozinha junto à lareira a falar, a contar histórias. O meu avô é que as contava, mas a minha cabeça já não se lembra.

Educação “É uma tristeza para mim não saber ler”

Não fui para a escola. Na minha altura só se fazia o exame da 4ª classe, mais nada. Mas as raparigas também faziam exame da 4ª. Eu é que não, porque no meu tempo diziam:

- "Vai guardar cabras."

Era eu e outras raparigas! Mas no meu tempo quem queria ir para a escola ia, porque nós não tínhamos

abono. Mais tarde já obrigavam a ir para a escola, senão não recebiam o abono. Mas quando me criei, não. E de maneira que nunca obrigaram a gente a ir para a escola, porque se a minha mãe fosse obrigada a fazer-me ir para a escola, a gente tinha aprendido. E é uma tristeza para mim não saber ler, porque a gente ainda sabe onde é que há-de apanhar a carreira, mas se for em Pomares ou em Arganil como é? Onde os meus filhos estão a viver é preciso a gente saber em que paragem sai ou em que paragem entra. O saber ler faz-me muita falta e é muito triste. Mas no meu tempo era assim. Era muito diferente.

Namoro “*Conhecia-o desde pequenina*”

O meu marido era de cá, Soito da Ruiva. Conhecia-o desde pequenina. Ele namorou com a minha prima e casou com ela, mas ela era muito doente. Teve a menina e a gente é que olhava por ela. Ainda nem tinha 30 anos, quando morreu.

Depois, comecei a namorar com o meu marido. Já eu tinha feito 21 anos. O nosso namoro não chegou a demorar um ano. O meu marido deixou a filha com a madrinha dele e da mulher. Era tia das duas e era madrinha das duas. Mas essa madrinha andou cá só meio ano. Morreu também de uma trombose. Naquela altura nem chamavam trombose, diziam que era um "ataque". Do mesmo que tinha morrido a mulher do meu marido. Depois ele não tinha quem lhe tomasse conta da filha e então foi a minha mãe, que Deus tem, é que tomou conta dela. Entretanto, ele resolveu casar-se, havia dez meses que ela tinha morrido. Os irmãos dela não queriam, não gostavam que ele se casasse antes de fazer um ano. Mas ele tinha a filha por criar e ninguém olhava por ela. E para ele conseguir ganhar dinheiro, não podia estar aqui de roda da menina. Foi então que a gente se casou mais depressa.

Eu gostava dele, porque era muito boa pessoa e trabalhador. Além disso, era bonito, sim, senhora. Muito bem parecido, branquinho, com os olhos azuis. E a minha filha é muito parecida com o pai.



Fotografia 5: José Francisco Mendes, marido de Maria dos Anjos Lopes.



Fotografia 6: José Francisco Mendes, marido de Maria dos Anjos Lopes.



Fotografia 7: José Francisco Mendes, marido de Maria dos Anjos Lopes.

Casamento “*Casei-me com 22 anos*”

Casei-me com 22 anos, em Pomares. Foi um dia especial, mas só chamámos os padrinhos - a minha irmã Libânia e o meu cunhado - porque ele era viúvo e havia dez meses que a mulher dele tinha morrido e não estava agora para chamar convidados e fazer festa.

O vestido que se usava no meu tempo era um fato azul, saia e casaco. Comprei os sapatos, a blusa branca e o pano, o tecido de lã azul-escuro para fazer a saia e o casaco. Usava-se também mais um véu preto e um xaile de merino. Ora, para que é que a gente queria o bandalho do xaile? Mas naquele tempo usava-se. Era assim. Hoje não. Hoje já usam vestido.

De prendas, não tive nada! O enxoval éramos nós que



Fotografia 8: Maria dos Anjos Lopes e José Francisco Mendes.



Fotografia 9: Isaura Bento Mendes, enteada de Maria dos Anjos Lopes.

tínhamos que arranjar dinheiro para o comprar. Ninguém deu nada, porque, naquele tempo também não davam. Hoje já dão prendas.

A casa para onde fomos viver era a dele e da primeira mulher. É esta onde vivo agora. Tanto que a minha enteada tinha direito a metade. Hoje, não. Hoje a lei é diferente, mas naquela altura, o menor tinha direito a metade e o viúvo ou a viúva tinha a outra metade. Hoje até é dela toda. Por minha morte é dela, porque fizemos partes iguais. E, enquanto eu for viva, estou cá. Em eu morrendo, já fica dela e os outros ficam noutros lados.



Fotografia 10: Maria dos Anjos Lopes, Adriano Lopes Mendes e José Francisco Mendes.

Descendência “*Os meus filhos são bons para mim*”

Os meus filhos são bons para mim, mas estão longe. A minha enteada vive em Setúbal. O meu filho viveu muito tempo em Cacilhas, mas agora foi para Alto do Moinho. E a minha filha vive nas Paivas. Estão muito longe uns dos outros. Costumam vir visitar-me. Até a minha enteada e os filhos vêm. Este ano a minha filha veio cá passar o Ano Novo. Eles queriam que eu fosse lá passar o Natal. Mas para passar o Natal com uns, não passo com os outros, porque estão muito longe uns dos outros. Lá não é como aqui. Cada um tem a sua vida e moram muito longe uns dos outros. Mas todos eles são bons para mim. Sabem os problemas que tenho. Na altura em que fui operada, fui para o pé da minha filha e da minha enteada, onde fiquei muito tempo.

Quotidiano “*Descalças por aqueles matos fora*”

Quanto era nova, era difícil viver aqui na aldeia. De manhã, a gente levantava-se e ia buscar molhos de mato. Ia lá ao cimo à serra, que muito gado comia no mato e eu é que ia guardar o gado. Íamos descalças por aqueles ma-



Fotografia 11: Maria dos Anjos Lopes e José Francisco Mendes, no casamento do filho Adriano Lopes Mendes.



Fotografia 12: Adriano Lopes Mendes, Sónia e, a neta, Beatriz Silva Mendes.

tos fora! Silvas, tojos, tojeiros... picavam! E a gente descalça! Pisava-se muita pedra a ferver e borralho! Quando era no Verão aquilo fervia e a gente descalça! No Inverno era muito frio, muita neve, chuva, vento, mas no Verão era muito calor. Muita vez, fui à missa a Pomares descalça. Não tínhamos chinelos, não tinha um sapato! Hoje, temos dúzias! São dúzias de pares de calçado e de roupas. Antes, comprava-se uma roupa para uma festa e durava para quatro ou cinco anos. Em se chegando de onde a gente vinha, arrecadava-se, dobrava-se e punha-se numa mala. Hoje, não!

- "Já não quero isto, não gosto disto, vai para o lixo!"

Mas quando eu me criei não era assim. Era eu e toda a gente. Íamos lá à serra buscar um molho de mato cá para baixo, porque o gado era muito e comia-o todo. Em chegando, era agarrar numa enxada até ao pôr-do-sol. Não era doce! Passou-se muita dificuldade, muita, muita. E os meus filhos também passaram ainda muita dificuldade, porque iam ao mato e em cá chegando tinham que cavar a terra.

Depois vínhamos, comíamos e agarrávamo-nos à enxada nos nossos terrenos. De manhã à noite a cavar terra para cultivar as batatas, o milho, o feijão, a vinha, a oliveira para a gente se poder orientar todo o ano. O milho

era muito, para quem tinha muita terra. As uvas, haviam umas mais temporãs do que outras. Nas soalheiras amadureciam mais depressa. Se fosse nas avesseiras, demoravam mais. Ora, não se fazia tudo numa semana nem em duas. Eram meses! Aquilo dava! Havia pessoas na aldeia que tinham muito milho, andavam a apanhar a azeitona e ainda a estender o milho. E eu para regar a partir das levadas, era ali um bocado, ali outro e cada um era regado pelo seu lado. Eu regava por mais de 16. Só que eu tinha muitas que eram só poças. Eram hoje minhas de manhã, para a outra semana era à tarde. Havia guerras de horas, porque a gente tinha que ir tapar à hora certa porque se a deixasse passar, ao fim, os vizinhos já não a davam. Diziam:

- "Então deixaste passar a tua hora e agora vens aqui procurar a dos outros?"

Não podia ser. E havia brigas! Hoje não, ninguém se importa e até fica muita terra que ninguém rega. Mas naquela altura, tinham todos um relógio! E por um minuto guerreavam uns com os outros!

- "Porque ainda falta um minuto."

E outro:

- "Porque já está."

E era aquilo assim. Naquele tempo era uma miséria. Não era só uma pessoa, eram todos. Tudo era pouco para poderem viver.

Também levávamos a merenda para as fazendas. Que é que era a merenda? Era broa e queijo que a gente levava para comer. Hoje dizem "lanche", mas naquele tempo era a "merenda". E levávamos uma lata no Verão com uma colher de lata. Não era destas que se usam agora, era uma colher de lata. Para dentro da latita de litro, com uma tampa, ordenhava-se uma cabra. Agora a gente diz que é "mugir", mas a gente não dizia "mugir", era "ordenhar". Na altura, segurava uma cabra, ordenhava para a lata, botava-se-lhe a broa e comia-se assim.

E comida, era uma sardinha para dois! O conduto também era caro, era preciso ter dinheiro. Eu quando me criei era assim. Depois que me casei, o meu marido já mandava muito bacalhau. E matava o porco, que já



Fotografia 13: Cátia e Nuno Mendes, netos de Maria dos Anjos Lopes, no Carnaval.

dava para mim e para os filhos. Tinha batata, feijões... Já era melhor. O tipo de comer era sopa, batata, castanhas, feijão e a broa. Era feita numa panela de ferro. A minha mãe, quando me criei, já tinha panelas e tachos de esmalte, que ainda nem toda a gente tinha. Eram tachos como agora são de alumínio e inox. Eram em redondo para fazer o comer em cima do lume. Então, a gente punha a panela de ferro ao lume e depois tirava a comida para aqueles tachos de esmalte para ir à mesa. Depois jantávamos. Quando calhava, jantávamos juntos. Uns jantavam ao meio-dia, outros era à uma hora, outros mais tarde.

Eu e a minha irmã e mais raparigas também acartámos muita pedra de umas barranceiras que tem lá diante, onde é o barroco da piscina. Subia-se por umas escadas acima com as pedras às costas e cestas de terra. Hoje é com cimento e tijolo, mas naquele tempo as casas eram de pedra. Os homens iam minar a pedra e nós ajudávamos. Não era à cabeça, era às costas, que eram pedras muito grandes e cestas de terra! Andávamos de sol a sol! Começávamos, às vezes, com 10, 11 ou 12 anos. E as minhas filhas, tanto a minha enteada como a minha filha, carregavam vigas compridas. No meu tempo era madeira, mas no tempo delas já eram vigas. E pegavam uma de um lado outra do outro. As minhas filhas, a Ermelinda, que é filha da minha sobrinha, a Cidalina, todas elas pegavam naqueles pesos. Por isso, é que hoje não podem e sentem dores.

Para fazermos a escola da terra, íamos acartar areia às costas do cimo da Mourísia, lá diante, e vínhamos a pé com as sacas às costas! Fizeram-na porque havia muitas crianças que iam para o Sobral Magro. Então, construíram a escola para não irem daqui para lá. A minha filha ainda foi à escola no Sobral Magro e só ao fim é que foi à da aldeia. O meu filho já andou nesta. Era melhor. Vinham comer o comer quentinho a casa, já a gente estava descansada. E quando chovia muito, a gente só estava com medo que eles podiam cair nalgum barroquito. Mas hoje, já não há. A escola fechou. Não há cá crianças! Não dava para o Estado estar a pagar a uma professora



Fotografia 14: Beatriz Silva Mendes e Ana Marisa Mendes, netas de Maria dos Anjos Lopes.

que aqui estivesse só por dois ou três alunos. Depois, as crianças começaram a ir para Coja e Arganil. Mas na altura em que fizeram a escola havia cá muitas crianças, muitos alunos. E era muito bom haver a escola porque vinham comer o comer quentinho a casa. Quando iam para o Sobral Magro, a gente tinha que lhes enviar o comer, mas comiam-no frio e passavam mal. Apanhavam muita chuva no caminho e frio. A escola foi um melhoramento muito bom.

Além da falta da escola, tínhamos falta de outras coisas. O sal tínhamos que o ir buscar a Pomares ou ali ao lado da Moura da Serra. Trazíamos um alqueire ou três meios. Todas as pessoas tinham que ir buscar o sal, porque era preciso para tudo. E media-se aos meios alqueires. Quem queria mais, media mais. Era um tanto cada meio alqueire.

Agora, em Soito da Ruiva eu sinto-me melhor, porque se o tempo está bom vou para o sol, mesmo que não fale com as pessoas vejo-as ao longe e já me distraio. Se está a chover ou frio, estou à lareira. Gasto muito dinheiro com lenha, para ma acartarem, porque não sou capaz. Guardo-a numa palheira que tenho em frente a casa e é uma sobrinha minha que ma vai buscar.

A minha alegria foi-se embora. Fiquei viúva há dez anos e depois fui operada. Desde que me tiraram o peito, nunca mais fui nada do que era. Nunca mais pude lavar. A cicatriz chega às costas. Não posso fazer força. Também tenho problemas de coração. Todos os dias tomo remédios. Há dias em que fico muito esquecida, por causa dos medicamentos. Tem dias que não sou senhora de mim. Dá-me desmaios várias vezes. Onde estou, aí fico. Vivo muito triste.

As senhoras da Segurança Social também me fazem companhia, mas é só durante aquela hora em que vêm a casa. Todos os dias vêm trazer-me o comer à meia-hora. E às segundas e terças vêm fazer a limpeza da casa. Levam-nos a roupa e passam-na a ferro. A gente paga para isso. Quando vêm, por exemplo, trazer o comer e não abrimos a porta, fazem uma participação. Se for preciso dar banho, Deus queira que a mim nunca seja preciso,



Fotografia 15: Cláudia Mendes, neta de Maria dos Anjos Lopes.

que eu tome sempre conta de mim - a gente já está a pagar para isso. Só que levam muito. Ainda continuo a viver, graças a Deus. Há dias que esmoreço e olho para cima e dou graças a Deus porque ainda cá estar. Todos os dias rezo as minhas orações. Vejo televisão até à volta das 20h. Quando tenho frio, ponho-me à lareira, rezo as minhas orações e deito-me.

Foi uma alegria quando chegou o rádio e a televisão. Antigamente não havia luz e a gente não se distraía com nada. À noite comia-se, ficava-se um bocado a aquecer e depois ia-se para a cama. O meu marido gostava muito de ouvir rádio. As televisões ainda vieram há poucos anos. O meu filho ofereceu uma. Mais tarde comprámos outra. Há dias em que estou tão "desaturada", porque dá-me desmaios e o coração muito aflito e não faço nada... Mas quando estou mais ou menos o que me distrai é a televisão.

Costumes

“Há além muito moinho na barroca”

A broa era nossa. A gente cultivava a terra, cavava e moía nos moinhos, que há além muito moinho na barroca. Muita gente diz "ribeiro", mas a gente chama "barroca". Aqui no povo, tínhamos um forno e cozíamos a

broa. Toda a gente cozia o pão de milho. Não havia comércio nem havia dinheiro para comprar pão. Era só quando se ia à feira de Avô que se comprava um pão. E tantas eram as vezes que se levava um bocado de broa de casa para não se gastar o dinheiro, que não o havia! A gente, como comia sempre broa, tinha desejo de comprar pão, mas não havia dinheiro para o comprar. Todas as semanas cozíamos uma gamela, que era em madeira de castanho. Agora, já não é nisso que se amassa a broa. Primeiro, havia uma gamela de quatro tábuas, quadradas, que tinham esquinas. Mas no meu tempo já não se usava disso. Quando me casei, já se usavam umas gamelas redondas. A gente, todas as semanas, cozia uma gamela cheia. Peneirava a farinha, amassava a broa e lá ia para o forno. Depois que fiquei viúva, nunca mais fiz broa.

“Uma festa para quem podia”

A matança do porco era no dia 10 ou 11 de Novembro até ao Natal. Era nessa altura que fazíamos a matança dos porcos. Era uma festa para quem podia! Quem não podia, chamava só quem o arranjasse. Punha-se numa salgadeira a carne de fêvera e tudo, migava-se para umas gamelas, faziam-se chouriças e secavam-se para guardar para todo o ano. Não costumávamos vender. Só às vezes é que a gente vendia o presunto para ir comprar outro porco ao outro ano à feira. Comprávamos o porco, criávamo-lo, depois matávamo-lo e era o governo de todo o ano para casa.

“Azeite para todo o ano”

Antes havia muitas oliveiras na terra. Muitas, muitas! Até eu tinha muitas, mas arderam. O fogo veio e devorou as oliveiras todas. Agora já não há. Só há duas ou três. Antes a gente apanhava a azeitona e levava-a ao lagar no Sobral Magro. Era um lagar a água. Agora tem que se levar para mais longe, para Pomares e para os lados de Oliveira. E lá a prensa já é eléctrica. No meu tempo, nós é que íamos lá levar as sacas de azeitonas às

costas. Não vinham cá os lagareiros. Demorava um dia e uma noite a fazer o azeite. Botavam-no para um pio e depois mudavam-no para umas selhas, para umas coisas grandes. Punham-lhe uma trave muito grande e com a água é que espremiam o azeite, o qual ia para umas tarefas. Chamavam tarefas às pias onde ia ter o azeite. No outro dia, a pessoa chegava lá e trazia os litros do azeite, conforme os quilos de azeitona que a gente tivesse levado. Tínhamos azeite para todo o ano! Havia anos em que a gente tinha entre 30 a 50 litros. Outros anos havia menos, depende, conforme a azeitona que fosse, porque as oliveiras não carregam todos os anos. Lá pelo Alentejo é que é assim, que a minha enteada tem lá oliveiras e carregam todos os anos, mas para aqui não. A gente aqui tinha anos que não havia. Não havia azeite, porque quando ia a começar a botar a flor, vinha muito calor ou nevoeiro e as azeitonitas carumavam, caíam para o chão quando ainda eram pequenininhas e já não se criavam.

“Éramos nós, as mulheres, que fazíamos o vinho”

Fazíamos vinho, também. Até éramos nós, as mulheres, que fazíamos o vinho. Comprámos um esmagador, que ainda tenho, que os meus filhos disseram que ficava para a minha enteada. Primeiro, havia umas dornas grandes e a gente chamava uma pessoa de família para vir esmagar os cachos, as uvas. Mas, mais tarde, comprámos um esmagador. Lavávamos os pipos, botávamos as cestas das uvas para o esmagador e com a manivela fazíamos o vinho e cá nos arranjávamos. Os homens escusavam de vir de Lisboa para aqui para o fazerem. A gente é que o fazia. Antes disso era com os pés. Tínhamos uma dorna grande em madeira de castanho. Enchia-se a dorna de uvas e um homem ia para dentro esmagar, pisar. Para acabar de encher a dorna, pisávamos fora numas game-litas, como as que a gente amassava a broa, e botava-se para dentro até a dorna estar cheia. Depois botava-se a ferver. Em estando preparado, lavava-se os pipos e tirava-se. E era daí que também se fazia a aguardente, mas eu aguardente nunca fiz. Mas havia cá muitos alambi-

ques e havia muita gente que fazia aguardente. Ainda há hoje.

“Levam o pólen nas patitas”

Havia muitas pessoas que tinham mel. Eu, quando o meu marido ainda podia, também tinha ali uns cortiços. Na nossa terra, estava o limite tapado de mato-branco e negro. Há mato-branco, com a flor branca, e há mato que fica tudo rosa, muito lindo, que é o chamado mato preto. A gente chamava o mato negro e o mato-branco. E havia muitas flores e muitas queirós. Quando o mato "frole", as abelhas arranjavam o mantimento para fabricarem o mel da mongariça, que vem mato-branco. O mel que vem da queirós era mais mole e mais branco. Se fosse de mato negro o mel era mais escuro e mais gostoso. Agora já não há, ardeu tudo.

Tive uma colmeia, a que a gente chama os cortiços, que deu quatro litros de mel num ano. A gente punha o cortiço - até trouxe um cortiço da Piedade, já com um enxame dentro - e elas andavam a arranjar o mel por fora. Era preciso que a mestra estivesse dentro do cortiço. Quando um enxame entra num cortiço, tem que se espreitar se a mestra lá vai ou não. Se a mestra lá for, o enxame vai e faz lá a casa. Se a mestra não for, o enxame torna a sair, foge e vai-se embora. Porque não está lá a mestra para fabricar. A mestra é a que fabrica o mel e é quem dirige as outras abelhas que levam o pólen nas patitas. A mestra é comprida e maior que as outras que são pequeninas. Se saltasse para lá um bicho que chamam a barroa, que é um bicho do feitio das borboletas, cortava as asinhas todas às abelhas e o enxame morria, porque não podia voar para ir buscar o pó. Quem tinha os seus cortiços ia vendo se tinha a barroa. Até havia um produto para curar. O dono é que tinha que lá pôr uns preparos para as abelhas não morrerem.

Os cortiços eram de cortiça dos sobreiros. Agora são umas casinhas de madeira, mas dantes não era disso. Eram quatro cortiços, que faziam quatro esquinas. Chamavam àquilo uns viros. Punham-se uns coisos com-

pridos que faziam com uns espetos de ferro quentes na cortiça, para aquele pauzito entrar para prender as partes da cortiça. E punham a tampa de cortiça por cima. E por cima da tampa punha-se uma laje grande para quando chovia as abelhas não se molharem.

Uma vez por ano, em Julho, mandava-se crestar. Arrancavam ou tapavam o cortiço e davam fumo às abelhas para fugirem, senão mordiam as pessoas. E então, a pessoa que estava a crestar, com uma crestadeira, que é um ferro para baixo que tem o feitio duma colher, tirava o mel para um balde ou para um alguidar. A gente chamava um senhor para as crestar, uma pessoa que soubesse. Então, crestava e tirava o mel. Aquilo era aos favos. Se na altura de Julho não lho tirarem, elas comem-no e o dono fica sem nada. Mas tinham que lá deixar uma parte para elas. Era o alimento delas até voltar outro ano com as flores para tornarem a fabricar mais mel. Não lho podiam tirar todo, senão morriam. Depois, de crestar, chegava-se a casa e espremia-os. Ficava o mel limpinho. Colocava-se em frascos. Com o tempo ficava uma cera por cima do mel dos frascos. A gente tirava-lhe aquele selo para o mel ficar limpo.

O mel era para vender. Não fazíamos doces com mel. Mas havia muita gente que fazia aguardente de mel ou que gastava o que era preciso para as constipações ou quando às vezes vinham pessoas sempre davam um frasco a um e outro. Também se comia com broa. Era o conduto. Era bom, ai não, que não era! Hoje já não tenho, mas até gostava muito. Agora todos os anos compro. Para mim não que sou diabética, mas para os meus filhos todos os anos compro, porque onde vivem há mel, mas não é nada como o nosso. O nosso é simples. Há pessoas que põem misturas no mel. Uns põem açúcar para abundar mais, para venderem para dar mais litros e outros põem farinha. A gente precisa de saber a quem compra. Se o mel é simples, tem um gosto e tem uma cor. Se o mel tem misturas, tem outra cor.

Fatias de pão, coscoréis, tigeladas, torresmos...

Para o Natal, durante muitos anos, enquanto cá estavam os meus filhos, faziam-se bolos, fatias de pão, botava-se-lhe ovos e faziam-se muitas filhoses, que é o que a gente chama coscoréis. Faziam-se coscoréis, torresmos... Ainda hoje compro. Cada vez que aí vem o vendedor da carne, a gente compra carne daquela que é entremeada e faz torresmos. E depois, a pessoa chega, a gente põe, come e até já dá tempo que se arranje outro comer. Para a ceia de Natal era o bacalhau com batata e hortaliça. E faziam-se muitos bolos. Toda a gente fazia bolos, com farinha, ovos e leite. As fatias do pão também toda a gente fazia, quando era pelas festas. E quem queria fazia arroz-doce. Toda a gente festejava assim o Natal.

Pela Páscoa, fazia-se muita tigelada. Porque a tigelada é uma coisa simples e barata. Naquela altura, eram os ovos das nossas galinhas e o leite das cabras. Hoje, não. Mas naquela altura que me criei e mesmo quando já estava em minha casa era assim. Era o leite das cabras, ovos e açúcar. Fazia-se aquilo e punham-se nuns tachos no forno a lenha, onde se cozia a broa. A gente, agora, faz tigelada no fogão e bolos, mas gasta-se muito gás. E não é tão gostoso como o que se faz ao forno a lenha.

Hoje há fogão e compra-se o leite e os ovos, quem não os tem. Assavam-se cabras. Portanto, matavam uma cabra, partia-se aos bocados, temperava-se bem temperada, punha-se numas assadeiras e punha-se no forno. Ainda hoje fazem pelas festas e pelo Natal. É cabrito e pernas de peru e assim. Tempera-se e depois põe-se no forno, mas é a lenha. Tal e qual como a sopa. A gente numa panela de ferro até a sopa tinha outro gosto! Hoje usam-se tachos em alumínio e o fogão, com os mesmos temperos, mas não é a mesma coisa. Antes a sopa era mais gostosa. Assim como qualquer outro comer!

“Sempre tratámos da nossa saúde”

Nós sempre tratámos da nossa saúde, porque não havia médico. Uma tia minha até morreu porque não teve a

criança. Foram a Avô, que é para lá de Pomares, três vezes chamar o doutor Vasco. Veio cá e não foi capaz de tirar a criança. E essa minha tia morreu. O senhor doutor ainda cá veio três vezes, mas não foi capaz de o tirar. E morriam assim as pessoas, porque o médico era só aquele de Avô. Havia um senhor na Benfeita, o Sr. José Augusto, que vinha cá, mas não era médico, era barbeiro. Mas também era entendido, dava os remédios às pessoas. Hoje, se é preciso, a gente fala para os bombeiros. Tenho o aparelho que cá vieram pôr a mim e a outras pessoas que estão sozinhas, e a gente fala e vêm logo socorrer. Naquela altura, não.

Quando havia entorses e dores de barriga, coisas assim, fazíamos chás. A gente apanha ervas para fazer chás. Aqui, por exemplo, faz-se um chá com pimpinela que é para as constipações. Por aqui há muita pimpinela. Eu apanho e seco. Mas há outros chás. O chá de alecrim também é bom. E de carqueja. Este bebe-se à noite, quando a gente se deita. Acalma os nervos. E o chá de tília, também cá há, só que esse "defraca" muito a cabeça se a gente beber muito. E há o chá das malvas, que é bom para infecções nos intestinos ou no peito. É um chá muito desinfectante, o das malvas. Também ando sempre a apanhar malvas e faço. Ainda hoje apanho e seco e quando é preciso faço chá.

Às vezes, também amassavam umas coisas. Punham umas ervas amassadas em cima de uma ferida qualquer quando alguém caía. Ou também faziam massagens para a dor disfarçar mais.

Havia também o estrutagado! É quando a pessoa cai, dá mau jeito e ficam os tendões fora do sítio. O pé tom-bava e ficava o cabulo de um lado. A minha sobrinha sabe rezar ao estrutagado, senão não passa. Hoje vão ao endireita e ao médico. Mas, quando eu me criei, se se estrutagava um pé, rezava-se e atava-se-lhe uma ligadura e aquilo ia ao sítio. A minha sobrinha é que sabe. Eu nunca fiz isso. Até se põe uma pinga de água a ferver no púcaro, depois põe-se num alguidar e o púcaro vira-se para o ar. A água está no alguidar, depois recolhe toda para o púcaro. E tem um trapo com uma agulha e con-

forme a pessoa vai rezando, vai cosendo. Como se fosse para coser a ferida, só que é no trapo. E a pessoa vai dizendo as palavras, o que está a rezar, e o outro responde. A minha sobrinha sabe como é que se reza ao estrutagado. Ela sabe muito bem, porque ela tinha uma tia que era muito boa pessoa e cosia os pés a qualquer pessoa ou um braço. A minha sobrinha, quando reza a uma pessoa começa logo a melhorar. Tem de rezar três dias a oito.

“Passou-lhe mais depressa”

O meu filho uma vez andava na escola de Sobral Gordo, mais o Arménio da minha sobrinha. Meteu um pé numa roldana que era para tirar água e ficou com o pezito de lado, chegou cá a coxear. A minha sobrinha rezou ao pé do Arménio, passou-lhe mais depressa. O meu demorou oito dias! O menino não podia caminhar e sempre cheio de febre, porque estava fora do sítio. Assim mandei-lhe rezar três dias.

“Casavam-se dentro da família”

Antigamente as pessoas casavam-se dentro da família. Até puxavam as famílias uns para os outros, porque gostavam uns dos outros. Mas nalgum tempo era ganância. Só quem tinha muito! Mesmo que a rapariga ou a rapaz não fosse grande coisa, como os pais tinham muito, toca a juntá-los. Aqui era assim. Era raro as pessoas casarem com pessoas de outras aldeias, mas também iam. O meu irmão foi para o Sobral Magro e mais pessoas daqui foram para lá e para o Sobral Gordo. Chamam-se "casamentos de fora". Os rapazes é que saíam mais. Iam para o Tojo. Mas quase toda a gente casava era cá. Era na terra uns com os outros, por causa dos bocados que tinham. Porque "na terra é melhor" e porque "os da terra são melhor" e porque "fora da terra já não é assim" e faziam assim os casamentos.

“Uma roda grande de gente ”

Na Quaresma jogavam ao jogo do cântaro. Juntavam-se numa roda as raparigas e os rapazes com cântaros, aos quais faltavam um bocado. Depois, uma jogava para aquela, a outra para aquela. Era uma roda grande de gente em volta. Quando o cântaro caía no chão e partia, eram umas risadas. Achavam graça o cântaro partir. Era uma grande alegria.

No São João, dançavam velhos e novos. Punham um pau muito alto agarrado ao chão, com palha de centeio por baixo. Lá no cimo estava um cântaro com um gato dentro. Depois botavam o lume na palha, ardia e o cântaro caía no chão. E o gato, quando o cântaro partia, fugia. Às vezes, não levava preguiça a fugir! Toda a gente se ria com aquela parte. Ele estar lá no ar e cair e dar aquele estoiro! Depois caminhava quanto mais podia. Já ninguém o apanhava! Era uma brincadeira dos antigos que se fazia pelo São João.

Migração “Aqui não se ganhava nada”

O meu pai trabalhou em Lisboa, na cortiça e o meu irmão também foi para Lisboa. O meu pai é que lhe lá arranjou trabalho. Os homens de cá iam para Lisboa e daí arranjavam trabalho para outros, lá nas fábricas da cortiça. Os rapazes começavam também cedo a empregar-se. Saíam da escola, faziam os exames da 4^a classe, e ia tudo para os seus empregos para o pé da família em Lisboa. Andavam para um lado e para o outro, que aqui não se ganhava nada. Andavam lá a carregar fardos às costas quando eram descargas. Eles é que sabem como é que se viam. Andavam sempre cansados e tinham que fazer o comer. Depois só cá vinham, às vezes, durante 15 dias, um mês por ano. Iam para Lisboa para ganhar o pão para quem cá estava. Lá governavam e guardavam o dinheiro para quem cá estava. E ainda se compravam fazendas e casas.

História *A guerra colonial*

Durante a guerra colonial, lembro-me que foram rapazes da terra e um morreu. Um da terra ficou lá, coitadinho. Ainda nos pertencia, a mim e à minha irmã. Na altura, os rapazes iam cedo para a tropa. Na altura em que eu me criei, era só aos 21 anos, altura em que tinham a idade. Hoje é aos 18, mas naquela altura era aos 21. Quando era para se casarem, se não tivessem 21 anos, os pais tinham que ir assinar.

Religião “*A gente sempre respeitou os dias santos*”

A gente sempre respeitou o domingo e os dias santos. Ao domingo não se fazia nada. Só se ia guardar o gado. Não se trabalhava. Só se fosse no Verão para enleirar o milho. Mas não se fazia nada. Daqui para fora nem guardam dias santos, mas a gente guardava. E aos domingos, podíamos ter um renovo para cultivar, mas não se trabalhava.

Antes, íamos à capela rezar o terço, durante a Quaresma. Toda a gente ia. Agora não, porque há pouca gente. Há uns 15 ou 20 anos, vindo a Quaresma, ia-se todos os dias ao terço. Hoje não.

Quando era a romagem, iam para Vale de Maceira. Daqui para lá ainda é um bocado. É mais para baixo daquela capelinha no alto, mesmo no alto do monte. Se calhar demorava mais de três horas! É longe. Mas toda a gente ia para lá. E até vinham pessoas de Lisboa para irem à romagem. Era o único distraimento que tínhamos. Havia missa e procissão. Quando acabava a procissão, cada um regressava a pé às suas terras.

Em Soito da Ruiva também fazem procissão, mas é só no dia da festa em Agosto. No dia seguinte é a festa da Comissão. É uma festa bonita. Para quem tem alegria, é! Vêm conjuntos e as raparigas de cá têm os ranchos e são todos divertidos.

Às vezes, mando dizer missa por alma dos meus falecidos. Ainda no dia 8 deste mês (Março), mandei dizer

uma. E no mês de Fevereiro mandei dizer uma junto com outra pessoa. Mas eu antes quero mandar dizer só pelos que eu entendo. Pago sozinha, mas o padre de Avô até leva barato. Pago 14 euros. A gente dá-lhe os 15 euros, mas não aceita, pois dá sempre um euro de volta. Mas é pouco. Se a gente alugar um carro de praça em Pomares leva isso de lá para aqui.

Pessoas “O tio Fontinha e a Irene”

Nalgum tempo o Soito da Ruiva tinha muita gente. E eram todos dados, amigos e unidos, porque toda a gente tinha falta de dinheiro. Não havia nem para mim, nem para ninguém. Até iam ajudar uns aos outros com o comer. Chamavam os vizinhos e iam ajudar a cavar, a apanhar milho e a fazer todos os trabalhos. As famílias e fora das famílias! E à noite, as pessoas que sabiam ler ensinavam os filhos e primos e famílias. Uma terra era uma família!

E hoje, não. O dinheiro faz mal a muita gente, porque nalgum tempo toda a gente era amiga. Uma pessoa que estivesse doente, toda a gente ia ajudá-la a fazer o trabalho. Hoje, não. A pessoa que tem muito:

- "Não quero saber daquilo para nada! Aquele é um bandalho! Aquela não vale nada! É um farrapo que aí anda! A gente não quer saber."

Hoje, se aquele diz uma coisa que não tem importância nenhuma, toda a gente despreza. Passam pela pessoa e pensam que são os reis. No tempo em que não havia, toda a gente se humildava. Toda a gente se dava bem uns com os outros. Hoje, não. Um:

- "Eu tenho, não preciso de ti."

Outro:

- "Eu tenho, não preciso de ti."

Que é o mesmo caso que tem acontecido a mim, porque tenho os problemas, e viram as costas sem a gente saber porquê. Nem passa, nem salva, nem nada. Qual a razão disso? É o terem muito dinheiro e saúde. E é essa que me falta. É muito triste eu ver-me sozinha com o mal que tenho, que tanta vez me deito na cama e choro.

E magoo-me muito, porque tenho o mal que tenho. Saberá Deus se poderei vir abrir a minha porta amanhã? Não tenho ninguém que se doa de mim.

Já o tio Fontinha e a Irene são muito boas pessoas. É ela que me acode. Estão mais próximos. Quando dá conta de que me dá o desmaio, vem aqui duas e três vezes por dia e às vezes de madrugada. Vem aqui cedo para saber como é que estou. No outro dia deu-me o desmaio, veio cá três vezes para me fazer chá e ver como estava. Gosto muito deles e eles gostam de mim. São muito boas pessoas. Ela vem-me procurar se é preciso fazer uma pinga de chá, se é preciso isto, se é preciso aquilo. Às vezes não abro esta janela quando está mau, e estou na cozinha e ela vem ver à janela da cozinha a ver se eu estou bem ou mal. Na terra do Soito da Ruiva, não tenho umas pessoas como a Irene e o Fontinha que são meus vizinhos, que se doem de mim. E até quando os meus filhos vêm, ela dá muita hortaliça para eles comerem e levarem. E não é só por dar, porque se tivesse melhoras, ia andando. Só queria era que me mostrassem boa-vontade, que é isso que muita gente do Soito da Ruiva não faz. Vêm-se com dois tostões a mais e saúde e fazem-me coisas que me caem mal. Eu tenho a doença que tenho, ruim. Não desejo a minha doença nem a quem me queira mal. Mas sou muito amiga de falar, mas para quem me fala.

A minha irmã também tem a doença dela em casa. Dela não, do marido, mas também tem coisas para cuidar. Eles têm uma nora que está em Arganil. Essa ainda no outro dia foi de ambulância e apareceu no hospital para me ver, porque a minha irmã diz que não podia ir.

Lugar “*Não parece o mesmo*”

Soito da Ruiva era uma zona muito bonita, tinha muitas árvores. Havia muitas árvores, que até eu, assim que me casei, tinha muito castanheiro, muita castanha para secar. Muita, muita! Depois veio o fogo. Há-de haver aí uns 20 anos e devorou tudo! Agora já tornávamos a ter muitas oliveiras e soitos de castanheiros que já davam castanhas.

Depois veio outro incêndio e levou tudo outra vez.

O meio do povo é ali onde se passa para ir para a casa dos meus sobrinhos. O cimo é onde acabam as casas. O fundo do povo é onde elas acabam também. Onde se passa por baixo da fonte era um largo onde jogavam à panela, aos cântaros. E até estava lá uma mimosa muito alta, mas não tinha relvas - não sei se a minha irmã se lembra, mas ainda se deve lembrar melhor do que eu. A gente andava em volta na brincadeira. Ali é que chamam o meio do povo. Até passava o ribeiro, que hoje está tapado com cimento. Antes não estava tapado. Foi tapado há pouco tempo. Assim é melhor. Para as crianças, quando vêm, e para pessoas idosas é melhor estar como está.

Ao longo do tempo a aldeia foi melhorando, porque a Comissão de Melhoramentos tem feito muitos melhoramentos. Antes as pessoas não tinham muitas condições. Era muito triste. Não havia carros, nem estradas para virem a pé. De Pomares para cima não havia estrada. Aqui por cima não havia estradas! Vinham por onde? Mesmo o senhor doutor de Avô vinha num cavalo, num macho. E o padre? Primeiro, o padre que era em Pomares, que é a nossa freguesia, também vinha num macho. Era muito longe, cansavam-se com o calor, chuva e frio e tudo. Era o transporte que havia. Vivia-se com muita dificuldades, a respeito de hoje. Hoje está mau, mas a respeito de transportes, já está muito bom, melhorou. E no tempo que me eu criei não havia nada. Nem água tínhamos em casa. Íamos buscar com um cântaro à fonte todos os dias! À beira da casa do meu sobrinho, ao pé de uma poça está a nascente. Ia-se lá com um cântaro e enchia-se. A Comissão de Melhoramentos fez muitos melhoramentos para a terra! Primeiro, estava tudo escangalhado e não havia nada! E agora vão melhorando, de pouco a pouco, porque a vida está má. Vão andando conforme têm o dinheiro. Mas quem conheceu Soito da Ruiva há trinta anos e o vê hoje não parece o mesmo.

Agora há cá pouca gente. Aos fins-de-semana vem alguma. Não vem muita, porque as viagens também são caras. E têm lá a vida deles, têm netos, filhos e assim

agarram-se mais lá. É verdade. Vem mais gente quando é pela Páscoa. Às vezes, pelo Natal. Em Agosto é que vem muita gente à festa. Vêm também de outras aldeias, mas a pessoa que faz a festa e junta o dinheiro é cá da terra. Mesmo que não sejam de família, toda a gente canta e dança e toda a gente faz festa. E os da terra que não vivem cá, têm a sua casinha para viverem. E é uma alegria quando chegam.

Para cá faz muita falta não vir uma camioneta, nem que fosse só às quintas-feiras. Até que não fosse a carreira, mas só se cá viesse uma camioneta, buscar uma vez por semana, para a carreira em Pomares já ajudava. A gente está num sítio que não tem meios para cá vir. Porque se cá viesse a carreira ou uma camioneta pequena, a gente metia-se e ia-se distrair. E assim, só quando aqui está um sobrinho meu é que me levam, quando às vezes ando melhor. E a gente indo, distrai mais do que quando estou metida em casa. Se uma pessoa está sempre em casa, a cabeça parece que, eu sei lá, anda assim num arco. Até me esqueço das coisas.